

TURISMO RELIGIOSO: O CASO DO JUBILEU DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO E DO IMPACTO DA MINERAÇÃO NA REGIÃO (MINAS GERAIS/BRASIL)

Graziela Armelao Jácome*

Resumo

O presente artigo trata da relação entre a euforia do turismo em Conceição do Mato Dentro – Brasil em torno de um patrimônio imaterial religioso denominado Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinhos, a maior festa da cidade, e ao mesmo tempo do esvaziamento turístico causado pela presença do processo de mineração desde 2011. A presente pesquisa é de natureza antropológica e situa-se no campo dos estudos qualitativos descritivos ou exploratórios, tendo contado com a observação participante, entrevista aberta e contato direto. Os resultados mostram que, se por um lado a cidade recebe nos dez dias de festa, em torno de 40 mil romeiros, por outro descobre-se hoje com o problema do baixo fluxo de turistas ao longo do restante do ano, devido à degradação de atrativos turísticos culturais e ecológicos em face da mineração. Contudo, a partir da festa do Jubileu, inúmeros turistas relataram que passaram a visitar a cidade, independente do período das festas, para conhecerem outros atrativos culturais, fenômeno esse confirmado por comerciantes locais.

Palavras-Chave: Turismo Religioso. Patrimônio Imaterial. Jubileu. Mineração.

RELIGIOUS TOURISM: THE CASE OF CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO'S JUBILEE AND THE IMPACT OF MINING IN THE REGION (MINAS GERAIS / BRAZIL)

Abstract

The present paper deals with the relation between the euphoric tourism in Conceição do Mato Dentro (Brazil) – involved by an intangible religious heritage denominated Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, which is the biggest celebration of the village – and, at the same time, the touristic deflation caused by the process of mineration since 2011. The present research is of anthropologica nature situated in the field of exploratory and descriptive qualitative studies, considering the participant observation, open interview and direct contact. The results show that if in one hand the city receives, in the ten days of celebration, around 40 thousand pilgrims, it faces today the problem of the lower flow of tourists along the remain year due to the degradation of toruristic attractions booth cultural and ecological in front of the mineration. However, departing form the Jubileu celebration innumerous tourists said that they came back to the city searching for other environmental and cultural atractives, which is confirmed by local traders.

Keywords: Religious tourism. Intagible Heritage. Jubilee. Mining.

EL TURISMO RELIGIOSO: EL CASO DEL JUBILEU CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO Y EL IMPACTO DE LA MINERÍA EN LA REGIÓN (MINAS / BRASIL)

Resumen

El presente artículo se dedica a analizar la relación entre el turismo eufórico en Conceição do Mato Dentro (Brasil), en torno a un patrimonio religioso intangible denominado Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, que es la mayor celebración del pueblo y, al mismo tiempo, la deflación turística causada por el proceso de mineración desde 2011. La presente investigación es de naturaleza antropológica situada en el campo de los estudios exploratorios y descriptivos cualitativos, considerando la observación participante, la entrevista abierta y el contacto directo. Los resultados muestran que, se por un lado, la ciudad recibe alrededor de 40 mil peregrinos en los diez días de celebración, por otro, ella enfrenta hoy el problema del menor flujo turístico a lo largo del año restante debido a la degradación de las atracciones turísticas culturales y ecológicas debido a exploración de la actividad de minería en la región. Sin embargo, partiendo de la celebración Jubileu, numerosos turistas dijeron que regresaron a la ciudad buscando otros atractivos ambientales y culturales, fenómeno este confirmado por los comerciantes locales.

Palabra clave: Turismo Religioso. Patrimonio Intagible. Jubileu. Minería.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não
Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional

* Doutoranda em Patrimônio Artístico, Sociedade e Paisagem/ Universidade de Extremadura – Cáceres/Espanha (2014 – 2017). Mestre em Ciências pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Sociais (2014). Bacharel e Licenciada em Psicologia pelo Centro Universitário FUMEC (1995). Atualmente é investigadora associada no Instituto Terra e Memória, Investigadora (Universidade da Extremadura/ES). Universidade da Extremadura Avda. de Elvas, s/n, 06071 Badajoz, Espanha. Possui interesse em: Antropologia, Patrimônio, Educação Patrimonial, Turismo. [prof.grazielajacome@gmail.com]

1 INTRODUÇÃO

A mineira cidade de Conceição do Mato Dentro, conhecida colonialmente como arraial freguesia Conceição, região de exploração do ouro é, atualmente, em contextos mundiais conhecida como região de exploração do minério de ferro. Por outro viés, essa cidade abriga centenária romaria em torno do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, a maior festa da cidade, tomada, no contexto a ser proposto, como manifestação de Turismo Religioso. Se por um lado em torno de um patrimônio imaterial religioso denominado Jubileu a cidade recebe milhares de turistas e romeiros, por outro lado, se vê diante de um esvaziamento turístico, ao longo do ano, causado pela presença do processo de mineração desde 2011.

O presente artigo debruça-se sobre a discussão em torno da degradação do solo e da paisagem em áreas de mineração e a sua recuperação através da atividade turística, nomeadamente, turística religiosa. Afinal, o Turismo nestas áreas pode estimular a economia e incentivar o uso e a reutilização de áreas naturais que foram prejudicadas de alguma forma por atividades antrópicas. É o que se pretende perceber e mesmo descrever neste cenário concepcionense.

Tentando encontrar nas práticas turísticas ligadas ao Jubileu, a outras festas da cidade, ou a seus atrativos naturais que ainda são, por assim dizer, frequentáveis, é que será possível tentar perceber a possibilidade de se agregar novamente valor econômico, social e cultural nestes locais e melhorar a qualidade de vida da cidade e do entorno, sem deixar de usufruir da mineração, já que esta constitui papel de grande importância para a sociedade concepcionense.

2 UMA BREVE REFLEXÃO TEÓRICA

Antes de adentrar ao ponto focal do artigo, são necessárias algumas pequenas reflexões a fim de debater o estatuto teórico, bem como a prática social que se convencionou chamar de “turismo religioso popular”. E para isso, é quase como ver-se diante de uma ironia frente às atuais transformações pelas quais passam o campo religioso em interface com as esferas ditas não religiosas como o turismo, o lazer e inclusive a política. Parece mesmo, haver ambiguidade conceitual teórica no termo turismo religioso.

Diante de estatísticas de viagens, motivações, entre outros aspectos do turismo, consultadas e analisadas a partir de órgãos como a FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (2002) – que apresenta esse segmento como uma oportunidade de

negócios e área de trabalho ainda pouco valorizada e explorada por turismólogos bem como empresários, pode ter-se uma ideia, sob um levantamento feito pela Fundação através da Universidade de São Paulo mostrando que existe cerca de 15 milhões de brasileiros interessados em destinos religiosos (MELO, 2000). E a maioria dos temas religiosos desses destinos é tomada como popular, ou seja, são procissões, rezas ditas informais, festas, dentre outras. Dessa forma, cabe arguir, se seria correto afirmar que todos os que vão a templos, igrejas, visitam santuários estão fazendo “turismo religioso”? Seria ainda correto afirmar que o que um romeiro, um peregrino, um crente, faz ao esfolar seus joelhos pagando promessas, orando contrito no templo, é turismo religioso? Ou seria romaria, peregrinação e fé? Estas atitudes relacionam-se ao íntimo, ao interior. Então, de que forma o turismo é visto? Provavelmente conectado a um estilo de experiência mais lúdica, ligada ao divertimento, a leveza, ao olhar, ao conhecer, ao exterior. Contudo, por outro lado, a religião também pode vir a ser espetáculo, divertimento, visão e exterioridade passível de muitas cores e símbolos, sensações.

Segundo a definição oficial da Conferência Mundial de Roma realizada em 1960:

O turismo religioso deve ser entendido como uma atividade que movimenta peregrinos em viagem pelos mistérios da fé ou pela devoção a algum Santo. Na prática, são viagens organizadas a locais sagrados ou para congressos e seminários ligados à evangelização. São também as viagens para festas religiosas celebradas periodicamente, para espetáculos e/ou representações teatrais de cunho religioso (Silveira, 2004, p. 4).

Ora, isso significa que a Conferência Mundial de Roma, desde 1960, já previa que o turismo, mesmo que religioso traria consigo o gérmen atrativo do próprio espetáculo! Assim, o Turismo Religioso dialogaria com aquilo que o Ministério do Turismo, no Brasil, define, ou seja, a busca espiritual e a prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas. Caracterizando-se por deslocamento a locais para:

Participação em eventos para fins de peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, apresentações artísticas de caráter religioso, encontros e celebrações relacionados à evangelização de fiéis, visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros e a realização de itinerários e percursos de cunho religioso e outros). (BRASIL, 2008, p.19).

Portanto, notório é que, o fato de o turismo ser religioso ou não religioso, não separa certas comemorações que possam vir em formato de festas e manifestações, como lembrado anteriormente, coberto por cores e símbolos, sensações. Para além, também fica claro que o público praticante do turismo religioso não é, necessariamente, constituído somente por religiosos, devotos, sacerdotes e de qualquer credo ou confissão religiosa.

A diferença entre o turista religioso e o turista de outros segmentos do turismo é que o turista religioso é, geralmente, motivado pela fé e sabe o que vai encontrar no lugar sagrado. E, nesse contato com o sagrado, esse turista procura, normalmente, a renovação da energia por meio do contato com a divindade. Entretanto, muitos deles apreciam atividades paralelas que ocorrem nos lugares ditos santos, se interessando, por exemplo, pelas edificações dos lugares visitados, pela gastronomia, bem como pelas festas, por assim dizer, “mundanas”.

Os lugares do turismo religioso podem ser tomados como especiais, como Santuários, sendo eles naturais, metropolitanos, oficialmente sagrados ou festivamente profanos. No Brasil, por exemplo, o turismo religioso tem apresentado um crescimento significativo. No entanto, ainda há muito que se explorar se considerada a dimensão territorial e as inúmeras manifestações culturais e religiosas existentes no território nacional. Em relação a Minas Gerais, Flávio Vitarelli (2001), sustenta que: é especificamente em Minas Gerais, onde se comemoram datas religiosas como a Semana Santa, Corpus Christi, os jubileus, as festas de padroeiros e demais santos, que o turismo religioso pode conseguir um avanço condizente com uma de suas vocações.

Atualmente, essa atividade vive um imenso desenvolvimento mesmo que informal, pois Minas Gerais, além de ser o Estado onde se concentra o maior número de católicos, possui uma grande riqueza em manifestações religiosas, e por todo o Estado existem curandeiros, rezadeiras, médiuns, aparições de santas milagrosas, romeiros e demais manifestações místicas.

Diante da discussão acerca dos termos turismo, religioso, popular (...), será ofertada uma possibilidade de se tentar perceber que as inúmeras vivências do público seja ele turisticamente religioso e seja ele religiosamente turístico, não há hipóteses, afirma-se: vivem ambas situações por assim dizer plurais nos dois lugares que se coloquem a ocupar. Seus andamentos sejam religiosos, turísticos, culturais, podem eles se enlaçar e se construir espaços em comum, ainda que sem total percepção de tal.

Ora, dessa forma, peregrinação enquanto manifestação milenar pode estar presente em um

‘pacote de viagens’ nos dias de hoje, tal qual o esteve nos pés rotos nas múltiplas e empoeiradas estradas até um seu monumento de fé. No mesmo ramo, estaria o turismo, fenômeno dito contemporâneo, presente em um deslocar a fim de se rezar, afinal, há uma possível permeabilidade entre esse fenômeno conceitualmente novo e inúmeras outras matérias sociais, como a religião, no caso em tela.

Dessa forma, “turismo religioso” está a basear-se em alicerces que não se obrigam a definir, por exemplo, que se vai fazer diante da possibilidade de uma viagem, em sendo ela nas férias ou em ocasiões de ritos festivos como festas de santos. A viagem, portanto, não encerra um roteiro com sentimentos pré-determinados, todavia, uma ideia do que se deseja, e muito, muito espaço para o que se vivenciará.

Em meio a todo esse cenário religioso e turístico, e longe da impressão irônica, *a priori*, que separava o turismo religioso do espetáculo e o turismo de lazer da fé, é que se seguem outras reflexões acerca do tema proposto.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza antropológica e situa-se no campo dos estudos qualitativos descritivos ou exploratórios, tendo contado com a observação participante, entrevista aberta e contato direto.

Utilizou-se, portanto, a entrevista não estruturada a fim de conferir à pesquisadora espaço para explorar os temas que adviessem ao longo da conversa, e deixar ao entrevistado a construção de sua própria resposta. Isso porque o objetivo foi o de estabelecer uma forma especial de conversação que permitisse, no momento de reflexão sobre os dados coletados, atribuir a ela significados interpretativos, sem que isso soasse, aos limites da pesquisa acadêmica, lirismo indesejável, mas, pelo contrário, pertinente, dado o caráter quase etéreo (com licença poética), do objeto empírico observado.

Some-se à observação direta, a análise de inúmeros vídeos sobre o Jubileu do Bom Jesus do Matosinhos, feitos ao longo de 6 anos de festa e que pertencem aos arquivos da paróquia e que me foram cedidos a fim de tomar conhecimento de diversos ângulos da manifestação.

Ao longo da exibição, feita nas acomodações do santuário, houve inúmeras interrupções para que me fossem explicadas natureza, estrutura, e mesmo finalidade do evento. Oportunidades em que o pároco expôs suas análises acerca das imagens, missas, falas de romeiros, canções, bênçãos.

4 RELIGIÃO E MINERAÇÃO NO MESMO ESPAÇO: UM ESBOÇO DE ANÁLISE

4.1 A região de Conceição do Mato Dentro e seus apelos turísticos

O município de Conceição do Mato Dentro está localizado na Serra do Espinhaço, dista 164 quilômetros ao norte de Belo Horizonte, a capital mineira. O Censo de 2010 registrou uma população de 17.908 pessoas para o município de Conceição do Mato Dentro, das quais, 12.269, ou seja, 56,8% residiam na sede municipal (IBGE¹, 2010).

A região é marcada pela presença de dois importantes biomas, o primeiro, a Mata Atlântica. Este é um bioma de floresta tropical que abrange a costa leste, sudeste e sul do Brasil, as suas formações vegetais são extremamente heterogêneas, possuindo desde campos abertos em regiões montanhosas até florestas chuvosas mais perenes nas terras baixas do litoral. A fauna abriga variadíssimas espécies endêmicas.

O segundo bioma é o Cerrado, trata-se de um tipo de Savana que ocorre no Brasil. Pelo fato de ser cortado por três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul tem índices pluviométricos regulares que lhe propiciam grande biodiversidade, embora menor que a Mata Atlântica. Abrange oito dos estados do Brasil Central, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Piauí e Distrito Federal.

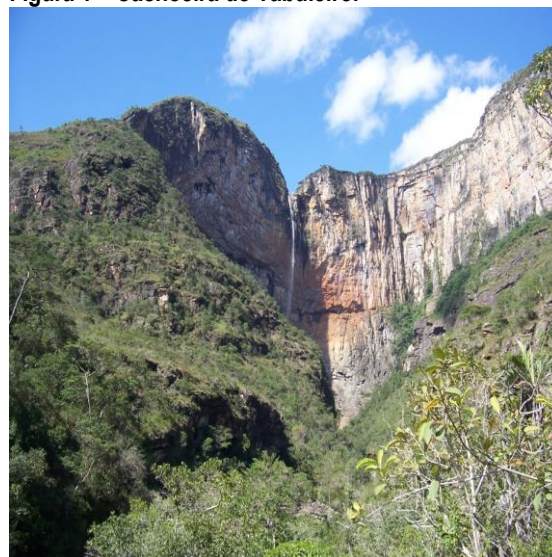
Neste contexto de biomas é que a região é conhecida por seu valor paisagístico, bem como por seu patrimônio histórico-cultural e ambiental. Abrigando, inclusive, a 3ª maior cachoeira do Brasil, com 273 metros de queda, situada exatamente entre os dois biomas citados, e que atrai turistas de diversas partes do país e do mundo, a Cachoeira do Tabuleiro.

Em vista de todas as explicações anteriores, foi que a Serra do Espinhaço passou a constituir, desde a década de 1990, conforme apontam Becker & Pereira (2011, p. 239), o viés de uma política de desenvolvimento regional pautada claramente no turismo. Essa política seria consubstanciada no Programa Estrada Real², na criação de áreas de proteção ambiental e na conformação, na esfera municipal, de toda uma estrutura institucional.

Segundo as autoras, a transformação da Serra do Espinhaço em Reserva da Biosfera (2005), diploma justificado em termos da biodiversidade e do significado da região como referência histórica e

cultural, teria gerado expectativas e propiciado um novo enquadre a esse vetor de desenvolvimento (BECKER; PEREIRA, 2011).

Figura 1 – Cachoeira do Tabuleiro.



Fonte: arquivo pessoal (2016).

O município de Conceição do Mato Dentro, bem como seu entorno, possui fortíssimos apelos turísticos, tanto para turistas a procura de lazer como turistas religiosos. Esses apelos aparecem em forma de exuberantes atrativos naturais como cachoeiras, rios, escaladas, serras e montanhas, cavernas e grutas, além de edificações arquitetônicas como casarões e igrejas, assim como as festas religiosas do Jubileu e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, por exemplo, e as festas mundanas, como o carnaval; para além, tem-se, ainda, as bandas de música e corais, sem falar, na 'arquitetura' gastronômica, que nesse somatório, sempre atraiu um número imenso de turistas ao longo de todo o ano.

4.2 O Jubileu de Conceição do Mato Dentro: entre a religião e a festa

Com relação à festa religiosa do Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos de Conceição do Mato Dentro, a pesquisadora intensificou sua relação com a mesma, quando em 2010, assumiu o cargo de Secretária Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico da cidade, e, a partir dos primeiros contatos, passou a atuar na qualidade de representante do Poder Executivo, como mediadora, neste caso específico, entre as festas culturais e religiosas e a política

objetivo é promover o desenvolvimento dos 162 municípios mineiros situados na área de influência da Estrada Real, por meio do incentivo ao turismo cultural, religioso, histórico e rural, ecoturismo e turismo de aventura". (ESTRADA REAL, 2008).

¹ IBGE Instituto de Geografia e Estatística.

²Segundo o *site* do Governo de Minas, "o projeto Estrada Real é a principal iniciativa do governo de Minas Gerais na área de turismo e o mais importante programa turístico em implantação no País. Seu

pública de cultura concepcionense, representadas por programas, projetos e atividades da Secretaria.

A manifestação do Jubileu, que é realizada desde o ano de 1787, chamou, especialmente, atenção por se tratar da maior festa religiosa da cidade, tendo duração dos dias 14 a 24 de junho, atraindo cerca de 40 mil romeiros, e, abrigando junto a si inúmeras outras festas e atrativos mundanos como, Cavalgada do Jubileu, Rodeios, o Forró do Jubileu, as barraquinhas de 'cacarecos', comidas e farturas.

Acerca das origens de determinadas festas e comemorações religiosas no Brasil, tem-se que:

As festas religiosas têm sua origem no calendário de romarias e devoções aos Santos e Santas europeus, herança portuguesa com influência da miscigenação com os índios e negros no Brasil colônia. Tais manifestações podem ser vistas tanto em vilarejos quanto em grandes cidades. (GUIMARÃES, 2009, p. 53).

Assim sendo, não seria diferente com uma festa de origem católica, no caso o Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos em Conceição do Mato Dentro. Alguns espaços denominados sagrados, no caso em tela, em Minas Gerais, tem-se que o próprio termo sagrado, presta-se a designar uma espécie de espaço que tenha recebido uma verdadeira consagração devido a uma religião e dessa forma, votando os ritos e cultos oriundos da mesma. Segundo Carlos Alberto Steil:

O espaço ganha uma função metafórica e se apresenta como um texto que possibilita o acesso às múltiplas interpretações sobre os quais se funda esta sociedade entre os homens, santos e anjos se encontram diretamente implicativos, através de diferentes formas de trocas e de convivências. (STEIL, 1996, p. 23).

Pois bem, o Jubileu da cidade de Conceição do Mato Dentro tem se apropriado das múltiplas interpretações que é capaz de despertar naqueles que vêm até ele para o conhecerem, e acabam por lhes proporcionar essas diversas formas de trocas, de simbolismos, de convivências. Ainda com relação à noção dos espaços e suas diferentes formas de trocas simbólicas e de convivências, cabe nesta altura do artigo, uma reflexão acerca do conceito denominado geografia sagrada, conceito esse que:

Engloba aqueles aspectos da paisagem que estão associados à religião, o ritual, a magia e o oculto [...]. Um tema recorrente neste gênero de estudos são imagens e simbolismo da

paisagem, onde tanto os aspectos naturais como os criados são examinados em termos do seu significado cosmológico. (PARKES in: PORTOCARRERO, 2010, p. 20).

Figura 2 – Santuário do Bom Jesus do Matosinho.



Fonte: arquivo pessoal (2016).

Este conceito, aplicado ao caso do Jubileu concepcionense, nos coloca em uma reflexão acerca da paisagem, da geografia que é percebida nessa paisagem sagrada. E, no caso de Conceição do Mato Dentro, emergida em um processo de rápidas modificações ligados à premente mineração, ocupa de nos levar a pensar em como têm se portado as paisagens religiosas diante das profundas e rápidas mudanças nos contextos sócio ambientais do município. Para tal, tem-se que, mesmo diante de um conceito de geografia sagrada, não se está preso a uma paisagem fixa, imutável, ao contrário, parte-se, segundo Gustavo Portocarrero, que não se pensa no próprio:

[...] conceito de paisagem como algo fixo mas sim relacional, então segue-se daí que diferentes pessoas ou grupos dão sentidos à paisagem de formas diferentes. [...] A posição distinta de uma pessoa em relação à paisagem resulta da interação simultânea de [inúmeros] aspectos. (PORTOCARRERO, 2010, p. 21).

E assim sendo, há que se tentar perceber uma constante construção social diante da interseção de discursos políticos e culturais que hoje vêm modificando a paisagem sócio ambiental, bem como a geografia sagrada deste município e de seu modus operandi. Mas que comprovadamente não retirou da festa sagrada sua força em acontecer, e esse acontecer, com o ingrediente da fé, como será visto mais adiante.

Em termos de origem, o Jubileu concepcionense está pautado naquilo que se denomina lenda, e neste

caso, uma lenda portuguesa, um culto que começou, por assim dizer, à beira mar. Conta a lenda, repetida convictamente pelos conceicionenses e romeiros que frequentam o Jubileu, que, um tal fariseu chamado Nicodemos, que por sinal ajudou José de Arimateia a retirar o corpo de seu filho, Jesus Cristo da cruz, que esse Nicodemos teria se escusado do convívio social a fim de se dedicar ao amor do Cristo, e que dessa maneira o teria feito em homenagens em forma de esculturas, em imagens.

Uma dessas imagens teria, em socorro a ser salva das invasões e reprimendas romanas, sido colocada em uma embarcação à deriva e que em viagem sem destino, teria chegado à praia do Espinheiro, no norte de Portugal, às margens da cidade de Matosinhos, próximo à cidade do Porto, isso após uma longa epopeia do Mar Mediterrâneo ao Oceano Atlântico, tendo resistido bravamente às comuns intempéries marítimas.

A força milagrosa em torno dessa imagem dá-se a partir do momento em que segundo Olinto Santos:

Recolhida por pescadores, a imagem, à qual faltava um braço, foi considerada milagrosa. Os pescadores ao fazerem uma fogueira para se aquecerem, notaram que um pedaço de madeira não pegava fogo. Foram verificar e constataram que se tratava do braço perdido da imagem. (SANTOS, 2014, p. 31-2).

Entre lendas portuguesas que aqui não nos cabe serem descritas e mediante os milagres que foram atribuídos a essa imagem em Portugal, na lenda que veio do mar, em Minas Gerais, precisamente em Conceição do Mato Dentro, houve a fixação de uma outra lenda e sua força, agora oriunda das montanhas, dos montes, das alturas, afinal, Minas está entre montanhas, que desde a colonização, serviu de tesouro reluzente aos aventureiros e à metrópole portuguesa em suas ambições à busca de ouro e pedras preciosas. Todavia, para, além disso, as alturas geraram em relação à imagem do Bom Jesus de Matosinhos “mineiro”, outras atribuições, bem como seus mitos de origem.

Com relação à chegada da imagem trazida de Portugal para as Minas Gerais, para Conceição do Mato Dentro, tem-se que em meados do século XVIII estavam a residir em Conceição, ou de passagem pela cidade, portugueses oriundos de regiões do norte de Portugal, como cidade do Porto, Braga, Miranda e Guimarães, cidades essas, localizadas nas proximidades de Matosinhos – cidade que guarda

consigo a lenda da chegada da imagem do então Bom Jesus, feito por Nicodemos, que tornar-se-ia - de Matosinhos, e nesse caso, Bom Jesus de Matosinhos “conceicionense”.

Ainda que em lendas ou mesmo mitos de criação é necessário que seja feita uma localização mais precisa na origem da imagem e depois, a do culto do Bom Jesus em Conceição do Mato Dentro, que em remotos tempos era denominada, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Conta-se que um negro, um tal escravo de nome Antônio Angola, que pertencia ao senhor Manuel Santiago, no ano de 1734 andava no mato à procura de lenha, e que desta procura, além da lenha, trouxe consigo uma imagem de Jesus crucificado feita em madeira. Essa imagem teria sido levada ao então vigário Padre Manuel Amorim Coelho e guardada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Conta-se ainda, que um senhor português, José Corrêa Porto, que estava na época muito doente de “zamparina”³, e que propôs uma promessa à recém-chegada imagem encontrada pelo tal escravo, que se obtivesse a cura através dela, havia de construir, no alto do morro da cidade, uma capela para dar abrigo à imagem.

Figura 3 – Santuário Bom Jesus do Matosinhos em dias de festa, década de 1940.



Fonte: arquivo da Prefeitura de Conceição do Mato Dentro.

E foi assim, após a cura, que foi construída uma primeira e bem simples igreja para o Senhor Bom Jesus, e desde então, essa cura foi considerada, o primeiro milagre da imagem. Outros milagres ainda aconteceram, e segundo os romeiros que nesses mais de 200 anos frequentam o Jubileu conceicionense, “muitos milagres ainda estão sempre a acontecer!”⁴. Em 1743, precisamente no dia 16 de

³ Uma espécie de gripe muito forte que ataca o sistema nervoso causando comprometimentos nos movimentos dos membros, como braços e pernas.

⁴ Fala concedida por D. Imaculada, à pesquisadora, em 15.06.2011. D. Imaculada mora em Diamantina e comparece Ao Jubileu desde 1971.

junho, o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei João da Cruz, segundo relatos de Pe. Eduardo Ribeiro⁵:

Em visita pastoral a Conceição do Mato Dentro, recomendou ao vigário da freguesia, Pe. Miguel de Carvalho Almeida Matos, que construísse uma capela nova para a milagrosa imagem. [...]. Em 1787, o papa Pio VI concedeu indulgência plenária a todos os devotos que participassem piedosamente do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. A contar dessa data, são mais de 200 anos de celebração do Santo Jubileu. (RIBEIRO, 2014, p. 26).

São nesses mais de 200 anos que o Jubileu vem atraindo moradores, padres, romeiros, peregrinos, turistas religiosos e não religiosos até a cidade de Conceição do Mato Dentro, em um incessante anuário de festas e louvores. Se na cidade de Lurdes em França, o apelo é a peregrinação, se na cidade de Fátima em Portugal se tem a devoção, no Brasil, tem-se tudo isso e algo mais, têm-se as festas! Os apelos religiosos em Conceição do Mato Dentro, para não dizer Minas Gerais, logo Brasil, são apelos religiosos e festeiros:

Eu venho ao Jubileu, venho com fé. Meus pais faziam assim desde eu com 3 anos, contaram eles. Eu já vou pra 83 anos, venho com meus 6 filhos e 11 netos, pensa, minha filha são muitos anos. Mas eu venho pras festas também, venho entregar meus agradecimentos e meus pedidos, mas sabe que ensinei meus filhos fazer um passeio também, né? Dá tempo de tudo, e Nosso Senhor, o Bom Senhor, entende tudo, nos protege e dá divertimento. Festa também é reza com o Senhor.⁶

O Jubileu embora seja uma festa de conotação religiosa, traz consigo certa conotação social e até mesmo comercial, afinal, o enorme fluxo de visitantes, romeiros, religiosos e turistas religiosos ou não, participam da euforia desses tantos dias nos quais a cidade se transforma em um novo cenário. Com relação às missas, essas acontecem desde o raiar do dia e somente terminam em altas horas da noite:

Eu venho por isso, moça. Venho mesmo pra rezar. Quero acordar e dormir com os hinos na cabeça, e já lá vão muitos anos assim. Eu tiro férias pra vir, eu podia até ir pra praia, né, mas não vou não, eu venho é pra jubilar! Aproveito pra comprar umas coisas, roupas, panelas,

umas coisas que a mulher gosta de comprar no jubileu. Mas gosto mesmo é de saber que o ano venceu e o dinheiro das férias podem me trazer para o Bom Senhor, isso é chique! Minha barraca é aquela amarela, viu lá? É das grandes, tem até varanda. Quando eu vinha no início, as coisas eram mais difíceis, mas agora não, Bom Jesus me beneficiou, e hoje as férias são dedicadas a ele, mas com uma barraca maior é melhor, né? (risos). Tenho mais conforto pra dormir e acordar com as vozes dos padres que rezam missas sem parar, é assim, Jubileu é isso. Mas é que a moça não sabe, eu também venho cá de vez em quando, mas venho rápido, é que já sei das cachoeiras e dos rios, vale a pena um fim de semana prolongado pra nadar, e a cidade é bonita. Mas as férias longas, essas são pra o Senhor de Matosinhos, isso é.⁷

Com o crescimento constante do número de fiéis ao longo desses mais de 200 anos, foi pedida uma autorização para que todo sacerdote que estivesse em Conceição do Mato Dentro, por ocasião do Jubileu, pudesse receber confissões e pregar, “pra não faltar benção a ninguém!”⁸

São muitos os romeiros que chegam com suas coloridas barracas, armado-as em meio a cantos e alegrias. E como a pesquisadora pôde observar ao longo de 4 anos de frequência do Jubileu, ora como Secretária de Cultura e Patrimônio Histórico, e em outro momento como pesquisadora por ocasião do mestrado (a partir de 2012), dessa maneira foi que percebeu que:

Aos poucos, que essas gentes de fé, com seus pés cansados, tocam a terra e miram o céu. Movimentam-se de muitas outras cidades em direção ao Santuário do Bom Jesus, comprovando para si mesmas a “fé nossa de cada dia”. Fazem romarias sem fim para o Nosso Senhor saudarem. Sobem a escadaria em direção ao “alto” porque acreditam na lei do retorno de quem faz o bem, e acreditam no sacrifício como louvor. Carregam crianças, como rebentos lindos, ensinado essa fé desde cedo! Enfrentam o frio, constante frio, agasalhados somente por Esse Senhor. Arrastam barracas, sacolas e sacos com simplicidade comovedora. Badalam bules de café, panelas, copos e pratos, como música fossem, acendendo fogo no chão e iluminando a escuridão do céu preguiçoso que naquelas horas, já foi deitar. Não há distâncias que os

⁵ Padre Eduardo Ribeiro, pároco do município de Conceição do Mato Dentro.

⁶ Entrevista concedida por D. Maria da Conceição Almeida, à pesquisadora, em 17.06.2012. D. Maria da Conceição Almeida mora em Dom Joaquim e comparece ao Jubileu desde 1932.

⁷ Fala de Sr. Sebastião do Socorro, à pesquisadora, em 18.06.2013. Sr. Sebastião reside em Curvelo e frequenta o Jubileu há 33 anos.

⁸ Fala de Sr. Sebastião do Socorro, à pesquisadora, em 18.06.2013.

separem do inverno de junho, do inverno de Nosso Senhor! Não há frio em madrugadas e fogos de roqueiras que não os faça levantarem mais cedo para a persignação com o Senhor. Não há dificuldade que os impeça de ali chegarem e acreditarem porque são ônibus, carroças, cavalos, e caronas, um sem fim de ir e vir em nome do Divino Bom Senhor. (JÁCOME, 2014, p. 45-6).

Figura 4 – Chegada da Cavalgada do Jubileu a Conceição do Mato Dentro.



Fonte: arquivo da Prefeitura de Conceição do Mato Dentro.

De fato, em cada detalhe das inúmeras vezes em que a pesquisadora subiu e desceu as 'ruas do Jubileu', foi notória a presença dos pais a acariciarem suas crianças, das mães a subirem de joelhos em "[...] pedidos de perdão, de jejuns silenciosos, e de abraços a um irmão [...]". Cada momento é um pórtico ao tempo, a essa criação apoteótica do ser. Cada momento é um convite a "[...] calar e observar, é preciso 'jubilar', como diz o povo daquele lugar." (JÁCOME, 2014).

Por outro lado, é um momento de observar aqueles que fazem promessas em retornar, como disse um casal ainda bem jovem:

Nós viemos para conhecer o Jubileu, daí, é claro que acabamos por rezar. (risos). Seriadamente, esse momento é tão comovente que dá vontade de ter mais fé quando nós vemos a fé dessa gente. Mas agora que já conhecemos a festa do Jubileu, vamos a duas cachoeiras que nos indicaram, vamos passar mais tempo aqui na cidade só pra isso. E já temos como compromisso retornar daqui a dois meses, quando tiramos férias, nós dois, para fazermos caminhadas e nadarmos por muitas

cachoeiras e rios. Tivemos notícias das belezas naturais e queremos ver mais coisas. De mais a mais, confessamos, comemos muito bem, a culinária é forte, Minas é boa na colher do tempero! (risos). Nós também soubemos do carnaval de marchinhas daqui, é bem verdade que no Rio de Janeiro tem toda uma tradição de carnaval, mas já estamos querendo conhecer outras opções, e sabe que o dono da pousada em que estamos nos convenceu que vale a pena irmos, é isso aí... quem sabe depois das férias de agosto voltamos em fevereiro? (risos).⁹

Figura 5 – Bênção dos cavaleiros no Santuário do Bom Jesus do Matosinhos.



Fonte: arquivo da Prefeitura de Conceição do Mato Dentro.

São muitas as notoriedades religiosas, culturais e ambientais que o município oferece, não faltam falas acerca disso, em se tratando dos turistas, há sempre uma série de motivos para fazê-los elogiar e retornar a cidade. Contudo, há por outro viés, aqueles que ao longo dos anos viram as claras modificações sofridas pela cidade:

Antes as ruas ficavam mais limpas, mesmo com esse tanto de barracas com roupa e comida. Mesmo com esse tanto deromeiros. Até com o estrume dos cavalos da cavalgada a gente lidava bem. Mas tem umas coisas estranhas que acontecem agora. Eu vivo a rezar pra esse povo daqui. Tem a tal da mineração e o povo conta que tem muita água suja, é verdade mesmo. Tem a cachoeira do Baú e das Ninfas, umas aqui de perto mesmo, a gente já nem vai mais lá. Tá tudo sujo. Disseram por aí que tem fazendeiro que vendeu as terra pra empresa, que o gado estava morrendo, então era melhor vender o que tinha e ir pra outro canto. Imagina, só? Nós vem de longe pra vê o Bom Jesus e esse povo tem que ir embora pra manter vivo o que restou

⁹ Entrevista concedida por um casal da cidade do Rio de Janeiro, à pesquisadora, em 21.06.2013.

deles. Estranho isso, não sei falar melhor do que falo, a senhora me entende? O Senhor Bom Jesus que abençoe pra não acabar a cidade, não é mesmo? (silêncio).¹⁰

O Jubileu a muitos faz bem, inclusive ao povo da cidade, em todos os sentidos, pois sempre movimentou uma quantidade incrível de transações comerciais, para além de trazer muita gente de fé e muitas festas para as horas de 'folga'. Sempre deslocou uma quantidade incontável de turistas que deixam tributos na cidade, além de muitas amizades. Desloca ao longo desses anos uma série de condutas concepcionenses em torno do 'jubilar'. Há concepcionenses que aguardam carinhosamente o Jubileu para tirarem suas férias, gente da terra a andar pela terra, como é o caso de Gilvan:

Claro que o Jubileu é aguardado com alegria. Eu passo um ano a esperar o movimento que ele traz. Minhas férias podem acontecer por uma semana em outro mês, só pra ir à praia com a família, mas as outras semanas, são só pra curtir os 10 dias do Jubileu. A Sirlene (se referindo à esposa) já sabe, eu quero é 'jubilar'. Nada pode ser melhor nessa vida que ouvir a roqueira de manhã, vê que o dia começou, tomar um café e subir e descer as ruas cumprimentando o povo. Depois tem o forró a noite, tem pé de dança, tem uma bebida com os amigos. Tem missa, é claro, mas tem a fatura de uma comida mineira diferente, e aquele tanto de gente a circular. Ô Conceição que fica boa de se ver. (risos). Férias, só gosto para o Jubileu. ¹¹

4.3 A mineração na região de Conceição do Mato Dentro

Com relação à mineração, tem-se que Conceição do Mato Dentro encontra-se inserida em antiga área de colonização, área essa, marcada pelo denominado Primeiro Ciclo do Ouro, ou seja, uma extração de ouro e diamante que constituiu ao longo do século XVIII, uma importante rota de comércio a alcançar o Distrito Diamantino, situado alguns quilômetros mais ao norte. Os descobertos, especialmente os diamantes, foram encontrados entre o final do sec. XVII e séc. XVIII, e por assim dizer, de modo significativo, ao longo da Serra do Espinhaço, uma formação geológica dentre as mais

antigas do Brasil, marcada, ainda, pela ocorrência de jazidas auríferas (PAULA, 2007).

A descoberta de ouro no sítio que viria a se denominar Conceição (do Serro, e posteriormente do Mato Dentro) teria ocorrido no início do séc. XVIII, e sua primeira capela sendo erguida em 1702. A Vila do Príncipe, atual cidade de Serro, a mais antiga da região, foi instituída em 1714 (BARBOSA, 1995). A descoberta e extração do diamante nessa região próxima ao Tejuco (atual município de Diamantina), que se fez acompanhar, entre 1734 e 1821, da conformação de um distrito administrativo especial, é ainda um pouco posterior (RENGER, 2007).

Em 2006 o Governo de Minas Gerais anunciava uma parceria com a empresa MMX Mineração e Metálicos S.A., do Grupo EBX, para programar aquilo que veio a ser denominado como Projeto Minas-Rio¹², com um custo inicial orçado em cerca de 3 bilhões de dólares. Diante do movimento de interesses que se fazia representar nesse anúncio, logo teriam se desfeito, afirmam as autoras, os arranjos destinados a consolidar o ecoturismo como indutor de desenvolvimento (BECKER; PEREIRA, 2011), as forças políticas locais e regionais voltando-se rapidamente para a expansão da frente mineral.

Se a chegada do Projeto Minas-Rio à região de Conceição do Mato Dentro aparece como relativamente contraditória desde o ponto de vista local, não se pode dizer o mesmo se o abordarmos a partir de fenômenos de outra ordem de escala – como o da inserção do Brasil na economia mundial (SEVÁ FILHO, 2010). Essa inserção, aponta Milanez, tem se dado historicamente via fornecimento de recursos naturais, que hoje se reflete na especialização em setores de produção intensivos no uso desses recursos (MILANEZ, 2012).

No que diz respeito especificamente ao setor mineral, desde o início dos anos 2000, é verificada uma elevação geral dos preços, tendência que deve se manter, devido ao alto padrão de consumo dos países industrializados, ao crescente consumo dos países emergentes, e à previsão de esgotamento, dentro de um curto prazo, das melhores jazidas (MILANEZ, 2012). O prognóstico, afirma o autor (p. 38), é o de uma rápida expansão da exploração mineral, o que já viria ocorrendo no Brasil, onde as operações teriam passado de um total de 20 bilhões para 85 bilhões de dólares entre 2004 e 2011,

¹⁰ Entrevista concedida por Sr. Altamira Neto, à pesquisadora, em 19.06.2014. Sr. Altamira Neto mora em Colatina, no Estado do Espírito Santo e frequenta o Jubileu há 28 anos.

¹¹ Entrevista concedida por Gilvan, à pesquisadora, em 23.06.2013.

¹² O Projeto Minas-Rio, que já se encontra em operação entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, tem capacidade de produção de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro por ano.

A operação conta com o maior mineroduto de minério de ferro do mundo (529 km de extensão), que liga a região da Mina da Anglo American, em Conceição do Mato Dentro (MG), ao Porto do Açu, em São João da Barra (RJ), atravessando 33 municípios mineiros e fluminenses.

crescimento puxado pelo minério de ferro (com 70% de participação).

Becker e Pereira (2011), informam que, se no período entre 1943 e 1989 o Departamento Nacional de Produção Mineral registrou 26 direitos minerários para o município de Conceição do Mato Dentro, entre 2001 e 2009 totalizavam 193 os direitos minerários registrados, o que confirma a rápida expansão da exploração minerária, bem como suas consequências ambientais e sociais para essa região. Além, disso, em se tratando de uma crescente exploração minerária, há que se fazer uma reflexão acerca de uma expansão a nível regional, o que significaria angariar novas áreas de exploração e, portanto um aprofundar constante de impactos, vindo a, gerar novos conflitos, aumentar a população atingida pelos efeitos negativos da atividade (MILANEZ, 2012).

O Projeto Minas-Rio prevê a abertura de uma mina para exploração de minério de ferro nas serras do Sapo¹³ e Ferrugem¹⁴; a construção de uma planta de beneficiamento e enriquecimento desse minério, nos municípios de Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas¹⁵, além disso, a implantação de três estruturas associadas: um mineroduto de 525 quilômetros, integrado a um porto marítimo em implantação na Barra do Açu, litoral norte do Estado do Rio de Janeiro; uma linha de transmissão de energia derivada da Subestação Companhia Energética do Estado de Minas Gerais – CEMIG em Itabira e uma adutora de água com captação no Rio do Peixe, bacia do Rio Doce, município de Dom Joaquim, para fornecimento de água ao processo industrial, inclusive para o mineroduto (SISEMA¹⁶, 2008. Parecer Único SISEMA N.º 001/2008, fls. 05, Processo COPAM¹⁷ N.º0472/2007/001/2007).

Tal projeto é congruente com as características do movimento de capital descrito por Milanez, obedecendo, dessa forma, tanto ao trajeto de globalização do mercado minero-metalúrgico, determinado pela expansão das empresas por novas áreas, na busca pelas melhores reservas disponíveis; como à dimensão estratégica que o transporte do minério de ferro por longas distâncias assume no novo contexto (MILANEZ, 2012). A mina do Sapo/Ferrugem possui reservas de 1,5 bilhão de toneladas, com produção prevista de 56 milhões de toneladas de minério por ano (vida útil de 40 anos), a

um teor médio de 41,22% de ferro, gerando 68,5 milhões de toneladas por ano de material lavrado (BECKER & PEREIRA, 2011). Relativamente pobre, a atratividade do custo/benefício da exploração desse minério muito provavelmente se atrela à alternativa do mineroduto. Maior extensão de área a ser minerada, geração de maior quantidade de estéril e rejeitos, meio de transporte intensivo em um dos recursos naturais mais caros à população, a Água. (MILANEZ, 2012).

Com relação ao constante jogo global do capital, é chamada a atenção para certas tramas que o mesmo proporciona às práticas e aos sentidos locais. Ora, a apropriação de territórios pela prática capitalista, faz da mineração um fator que provoca uma série de transformações socioambientais, econômicas, espaciais, culturais, políticas, sociais e psicológicas, em um processo intermitente que desvaloriza, quando mesmo não ignora, os bens materiais e simbólicos, as terras e as próprias vidas das populações que são afetadas. Segundo afirma Sevá Filho:

[...] algo que expressa a acumulação de capital, mas é outra coisa, algo que está em jogo nas relações internacionais e, ao mesmo tempo, nas relações locais: a expansão da infraestrutura produtiva pesada, a qual somente se concretiza dentro da lógica do circuito econômico global. Assim, essa expansão da infraestrutura e do capital fixo sempre se faz à custa dos recursos naturais locais e da renda dos países e das regiões onde são realizadas as instalações novas ou ampliadas. A cada implantação de uma indústria pesada, energética, mineral, metalúrgica ou petroquímica, decorre que todos os outros projetos e usos possíveis para os mesmos locais são tornados indesejáveis, inviáveis, até impossíveis (SEVÁ FILHO, 2010, p. 115).

Mediante as vivências mundiais de acumulação de capital, de relações internacionais, bem como a implantação de indústrias, empresas, *etc.* cumprindo as necessidades dos mercados, é que se torna clara uma reflexão em torno do rápido crescimento da população mundial [que] levou à necessidade de grandes incrementos da produção minerária, os quais vêm sendo obtidos através da aplicação intensiva de

¹³ São Sebastião do Bom Sucesso, distrito rural onde se localiza a Serra do sapão e uma das maiores construções exploratórias do empreendimento minerário.

¹⁴ Serra da Ferrugem, também conhecida como Mirante da Torre ou Mina da Torre, é a moldura da paisagem que abraça a cidade, sendo a origem do seu nome em face da constituição mineral ferrosa. Possuindo uma área de 867 hectares, e transformada em monumento natural em maio de 2007, preservando toda a paisagem da serra, além de ter seu conjunto

arquitetônico tombado como patrimônio histórico-cultural pelo município. Que, todavia está, igualmente, nos planos de exploração minerária pelo empreendimento.

¹⁵ O município de Alvorada de Minas dista 48 Km de Conceição do Mato Dentro e está incluído no Projeto Minas-Rio. É um município bem menor que o concecionense em termos de tamanho e de população.

¹⁶ SISEMA – sistema Estadual de Meio Ambiente.

¹⁷ COPAM – Conselho de Política Ambiental.

novas tecnologias (KOPEZINSKI, 2000). São a esses incrementos tecnológicos para os quais, nos dias de hoje os mananciais ambientais de Conceição do Mato Dentro têm se entregado a fim de alimentar as necessidades dos citados mercados. Todavia, em tendo o Brasil a mineração como uma de seus setores básicos da economia, esse, de alguma forma deve contribuir para o bem estar e a melhoria da qualidade de vida das presentes e futuras gerações, uma vez que a partir da produção minerária criam-se empregos e insumos para a indústria em geral. No entanto, é possível observar outros efeitos, os denominados negativos, afinal, a degradação dos ecossistemas avança-se, e, até então estavam aparentemente estáveis e mesmo harmônicos.

Com relação às fatídicas modificações que o município tem vivenciado diante do inevitável processo de mineração, ainda tem-se que, o empreendimento denominado Anglo American¹⁸, garante em apresentação à população um plano, em 2011, com um conjunto de possíveis realizações que garantiria uma ação, por assim dizer, 'modelar', no qual afirmaram:

Estamos atuando com total respeito às pessoas e à realidade local. Ouvindo, conversando e fazendo tudo de forma harmônica, preparando a região para conviver com a mineração. [...]

O projeto, que abrange também as cidades mineiras de Alvorada de Minas e Dom Joaquim, inaugura um novo modelo de atuação do setor de mineração, especialmente no que diz respeito ao reassentamento de famílias, tornando-se pioneiro no setor por ser inteiramente pensado e executado de maneira sustentável e socialmente responsável, antes, durante e depois de sua instalação, cuja expectativa de vida útil é de 40 anos.

Um dos seus diferenciais - inspirado na bem-sucedida experiência da Usina de Irapê, da Cemig - é o Programa de Negociação Fundiária, especialmente criado pela Anglo American para cuidar de todas as atividades ligadas à aquisição de terras e reassentamento de famílias. Os primeiros acordos começaram a ser fechados em agosto do ano passado e envolvem cerca de

80 proprietários de terrenos nas comunidades de Ferrugem/Sapo, Água Santa e Mumbuca, em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas. [...]

Com todas as licenças ambientais já obtidas (a Licença de Instalação foi concedida pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - SEMAD, por meio da Superintendência Regional de Regularização Ambiental - Supram/Jequitinhonha - em dezembro passado, por oito votos a favor e apenas um contra), Viguetti¹⁹ afirma que o Projeto Minas-Rio é uma realidade consolidada. A transparência na condução das negociações e reassentamentos são asseguradas graças a uma rede de instituições que inclui, além da Supram, representantes do Ministério Público, da Defensoria Pública e da Pastoral da Terra. Juntas, mais que validar as negociações, elas acompanham todos os procedimentos adotados (ECOLÓGICO, 2011).

Figura 6: Visão parcial do empreendimento da Mineração.



Fonte: Reproduzido de Cavalcante; Ribeiro e Mateus, (2016).

Todavia, o abismo entre o discurso da empreendedora e a realidade vivenciada pelos atingidos ficaria registrada nos resultados da vistoria conjunta IBAMA²⁰/SEMAD realizada em 2010, bem

¹⁸ Segundo informações do site da empresa: "Nossa empresa tem a intenção de fazer a diferença na vida de todos com quem nos relacionamos. Mineramos os recursos que tornam a vida moderna possível, de forma mais segura, inteligente e responsável. Somos 150.000 pessoas em todo o mundo, com operações no sul da África, América do Norte e do Sul e Austrália. [...] Há quase 100 anos, trabalhamos com os minerais que a sociedade precisa para se desenvolver e prosperar. Fornecemos aos nossos investidores um portfólio equilibrado de oportunidades. Planejamos, construímos, mineramos, processamos, transportamos e comercializamos uma gama diversificada de produtos de alta qualidade, abrangendo commodities de alto volume, metais básicos e minerais e metais e

minerais preciosos. (Anglo American, 2015). Disponível em: http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em 16.09.2015.

¹⁹ Newton Viguetti, então gerente-geral de Desenvolvimento Sustentável e Licenciamento do Projeto Minas-Rio da Anglo American. Em julho de 2011, ele recebeu o título de cidadão honorário de Belo Horizonte, por iniciativa da Deputada Luzia Ferreira, da Comissão Estadual de Meio Ambiente (ECOLÓGICO, 2011b).

²⁰ IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

como em diversos documentos protocolados na SUPRAM Jequitinhonha ao longo dos anos de 2010 e 2011. Conforme demonstram Becker e Pereira (2011), enquanto os impactos se agravavam, atingindo um contingente populacional cada vez mais amplo, a empreendedora acionava dispositivos burocráticos e técnicos para evitar o reconhecimento dos danos e dos atingidos, em sua totalidade.

A inoperância das medidas protetivas que, por mediação das diversas instâncias do Estado, foram sequencialmente incorporadas ao Licenciamento, sugere que sua principal eficácia consistiu na produção de efeitos de verdade (FOUCAULT, 1999), em momentos críticos para o avanço do próprio processo.

Muitos dos atingidos foram ouvidos em visitas que a pesquisadora fez aos sítios nos quais eles ainda estavam a viver. Causticamente, foram ouvidos lamentos indescritíveis diante do inevitável movimento, como foi o caso de D. Maria do Carmo que nos põe a pensar:

Eu bem que queria ficar na terra, a terrinha foi de família, e o velho (referindo-se ao marido) foi enterrado nela. Eu achava bom que passasse um trator em cima de mim e eu ficasse morta na minha terra. Era assim, menina, que eu queria. Meu velho já foi e meus osso tão fraco, custava nada eu ser enterrada no chão em que comi, né?! A senhora me entende? Eu era feliz de ter osso com osso do velho. Mas não vai, não. Os homem já falou que não tarda, sabe? Eles tem dinheiro, tem gravata e pode. Leva nós daqui. Os bicho, sabe as pouca vaca, essa já foram, beberam barro porque as água já poluiu e depois acabou. Não se avexe (não se preocupe), é da vida, um dia ela é boa, no outro marvada. Mas diz que tem emprego, fica assim, então, tem trabalho, só não me tem é paz.²¹

As mudanças na forma de viver, os deslocamentos de um sítio para outro a fim de garantir o esvaziamento das áreas a serem mineradas, foram grandes e constantes, e fato é que muitas daquelas pessoas não se apegavam às possibilidades de emprego que estavam a ser criadas no município, mas antes, apegavam-se em suas formas peculiares de viver e em suas lembranças, como Sr. Antônio, assim o disse:

Não sabe que é assim. Dinheiro sempre faltou, mas tem terra, uai. Eu num tenho medo de enxada, e no rio tem peixe. Arreda lá o pé, que

tem vara e a gente pesca, oh saudade! Não tem mais peixe não, não tem água que dê ar pra peixe que nem consegue mais respirar. O barro intê faz casa, mas na água, deu morte a muito peixe e gado. É só os lamiado, não vive só de lama, não. A desconfiança é de remédio de veneno na água. Agora não molha horta, não pesca peixe, a criação tem sede e fica o quê? Nem nós lá vai mais pra banhar. Tem que prendê os neto com corda, pra num correr na tentação de querer nadar nos veneno que lá ficou.²²

Em muitos casos foram ouvidas pessoas que moravam nos distritos que estavam a ser atingidos diretamente pelo empreendimento. E diferentes foram as formas de olhar para essas 'perdas', como foi ainda o caso de D. Amparo, em Córregos, também distrito rural concepcionense:

Sabe o que acontece, não é nada contra ninguém, eles estão dando empregos, está bem. Mas pense nisso, mandaram uma quantidade de homens desconhecidos pra cá. Aqui é muito pequenino. Estão espalhados pelas ruas, ouvem som alto, cospem nas ruas, fumam maconha, bebem até muito tarde fazem um barulho imenso. Mas não basta, menina, tem as explosões das minas da Anglo, tem uns horários pra isso. Eles até nos avisam, mas não é só isso que nos protege. Fizemos os restauros da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, e veja lá, eu vou te levar pra ver as rachaduras, me acompanha até lá. Então a gente junta com sacrifício o dinheiro pra deixar a Igreja bonita e vêm as bombas para rachar nossas casas e justo a igreja? A casa paroquial eu nem conto, acho que não caiu porque nós rezamos muito e até você faz campanhas pra nos ajudar. Mas lá se foi o tempo, lá se foi. Não há sossego, e eu que nunca fechei uma porta ou janela, tenho medo deles, são mau educados, não amam a terra nossa, não são gente nossa, entende?²³

Ao que muito fica indicado é que se por um lado os processos de instalação, bem como de exploração minerária diante de seus próprios percalços teve como benefício à geração de empregos, em outra instância teve a crítica dolorosa de concepcionenses que não a souberam apreciar, fosse por motivos de seu próprio *modus* de vida ou fosse por outras opiniões que ao longo desses anos de processo tenham desenvolvido acerca da chegada da mineração.

²¹ Entrevista concedida por D. Maria do Carmo, à pesquisadora, em 16.09.2011. D. Maria do Carmo vive em São Sebastião do Bom Sucesso, na Serra do Sapo, distrito rural de Conceição de Mato Dentro.

²² Entrevista concedida por Sr. Antônio, à pesquisadora, em 16.09.2011. Sr. Antônio vive em São Sebastião do Bom Sucesso,

na Serra do Sapo, distrito rural de Conceição de Mato Dentro.

²³ Entrevista concedida por D. Amparo, à pesquisadora, em 22.11.2013. D. Amparo mora em Córregos e é zeladora da igreja de Nossa Senhora Aparecida. É uma espécie de liderança no distrito em termos de negociações com o poder público.

Diante do exposto, tentou-se perceber no premente conflito entre formas de apropriação, modos de ser e visões de mundo, que são tão diferentes e mesmo abissalmente desiguais, e que se constroem, no cotidiano das relações sociais e os circuitos que passam a constituírem-se nessa implacável ciranda do progresso.

A fim de que se fale em conflitos em formas de apropriação de modos de ser e viver em sítios minerados, foi importante tentar compreender que o incremento na produção minerária provoca, inexoravelmente, interferências no meio ambiente, tanto no que diz respeito à vida social desses locais minerados, bem como promovendo a supressão da vegetação, o que passa a alterar de forma drástica a paisagem perturbando por completo seu ecossistema. E que a atividade turística pode vir a ser uma alternativa para recuperação dessas áreas.

Pensando assim, elevar-se-á o turismo como um fator contribuinte na reversão do quadro de desvalorização ambiental e comercial da região degradada, melhorando a qualidade de vida, gerando novos empregos e agregando valor cultural para a localidade. Prova disso aparece na declaração de Nilton Luiz, coordenador do CVT – Centro Vocacional Tecnológico – do município ao afirmar que,

Temos sido procurados, insistentemente, por jovens que procuram nossas ofertas de cursos nas áreas de hotelaria e turismo porque querem aprimorar de maneira profissional suas qualidades a serem oferecidas no novo mercado concepcionense, que hoje, gira em torno do turismo. Mas atenção, isso é uma novidade que nós esperávamos em benefício da cidade.²⁴

Assim, diante de uma declaração óbvia acerca dos benefícios que o turismo pode trazer como fator de contribuição nos processos 'restauradores' em áreas obrigatoriamente mineráveis fica o possível diálogo entre destruição e reabilitação em sítios destinados à exploração e ao mesmo tempo aos olhos externos, de turistas, diante de suas exuberâncias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que esteve em questão ao longo deste artigo, não foi necessariamente uma discussão acerca do processo minerário, mas antes, a tentativa de compreender como esses processos influenciaram ou não o turismo no município, independente das áreas ambientais ou mesmo culturais que foram

impactadas. Tomando por pano de fundo, ou melhor, por viés, as festas do Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos, levando em consideração as pessoas que tomaram conhecimento da cidade a partir do turismo religioso oriundo deste evento.

Ora pois, começar-se-á de forma inversa, seguindo assim, a seguinte reflexão: tomado como no campo subjetivo o peregrino, o romeiro, o religioso, imbuído em seu modo de ser "fraterno", apontamos à sua negativa, no campo objetivo, o turista, curioso, "frívolo" e pergunta-se à partir daí, dessa forma weberiana, se esses "tipos ideais" podem ser separados e vistos abissalmente em oposição? Ou, seja, se um peregrino poderia ser um turista, tal qual em alguma instância, poderia um turista peregrinar?

Propor-se-á que haja um espaço em comunhão a essas possibilidades, o que levaria essas duas categorias 'ideais', em Weber, se encontrarem no conceito de turista religioso, afinando e resolvendo por ora, esse embate, foi que se propôs ao longo do artigo. Por outro lado, tomado como problema, as questões minerárias, considerando que *a priori* toma-se essa, como degradadora a partir das explorações que lhe fazem cunho próprio em ser, e que por outro tom, somente poderia ser tomada como 'boa', se essencialmente trouxesse consigo investimentos, o que geraria renda, empregos aos mesmos impactados por ela.

Tem-se aqui, portanto, uma consonância, que chamar-se-ia de mineração sustentável. E a partir desse ponto, e do que se desenvolveu ao longo do artigo, tomando a festa do Jubileu concepcionense como parte empírica, foi que ambas maneiras dialéticas de se olhar para a forma religiosa, para o turismo, para a degradação, bem como para a possível geração de rendas é que juntas, sem poesia e com esquemas resolutivos é que se tem, todos esses ingredientes a construir um possível diálogo, em movimentos sincrônicos, e porque não harmônicos, a desenrolarem soluções pacíficas em um município que vem sofrendo com as constantes modificações em seu modo de viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGLO AMERICAN. Disponível em http://brasil.angloamerican.com/?sc_lang=pt-PT. Acesso em 16.09.2015.
- AUSTIN, DAVID *Private and public: an archeological consideration of things*' in H. Hundsbicheler et al. *Die Vielfalt der Dinge: Neue Wege zur Analyse mittelalterlicher Sachkultur*, Vienna: The Austrian Academy of Arts, p. 163-206, 1998.

²⁴ Declaração concedida por Nilton Luiz em 08.09.2013.

- BARBOSA, W. A. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1995.
- BECKER, L. C.; PEREIRA, D. O Projeto Minas-Rio e o desafio do desenvolvimento territorial integrado e sustentado: a grande mina em Conceição do Mato Dentro. In: FERNANDES, F. R. C.; ENRIQUEZ, M. A. R. S.; ALAMINO, R. C. J. (Ed) *Recursos minerais e sustentabilidade territorial*. Brasília: MCT-CETEM. 2011.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. *Turismo cultural: orientações básicas*. Brasília, Ministério do Turismo. 2008.
- CHEVALIER, J.; GHEERBARANT, A. *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Teorema. 1994.
- ECOLÓGICO. *Projeto Responsável e Solidário*. (16/02/2011). Disponível em <http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=29&secao=366&mat=376>. Acesso em 08.09.2015.
- ECOLÓGICO. b. *Reconhecimento*. Viguetti Belo-Horizontino. (12/07/2011). Disponível <http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=34&secao=455&mat=465>. Acesso em 08.09.2015.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil. 2002.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- GUIMARÃES, R. L.; TRAVASSOS, L. E. P.; CUNHA, L. I. D.; AZEVEDO, Ú. R. DE; VINTIL, M. *O Geoturismo em espaços sagrados de Minas Gerais*. SBE – Campinas, S.P. Espeleo-Tema. v. 20, n. 1/2. 2009. Disponível em: http://www.sbe.com.br/espeleo-tema/espeleo-tema_v20_n1-2_049-058.pdf. Acesso em 23.09. 2015
- JÁCOME, G. A. "Um espetáculo de tradição e fé entre a terra e o céu", in: *Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinhos*. Conceição do Mato Dentro: Capitular Editora, p. 44-9. 2014.
- KOPEZINSKI, I. *Mineração x meio Ambiente: considerações legais, principais impactos ambientais e seus processos modificadores*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da Universidade. 2000.
- MALERBA, J. MILANEZ, B.; WANDERLEY, L. J. (Org); *Novo Marco Legal da mineração no Brasil: Para quê? Para quem?* Rio de Janeiro: Fase. 2012.
- MELO, J. de. Um mapa do turismo religioso no Brasil. *Jornal do Comércio*, Pernambuco, 08.06.2000, p. 13.
- PORTOCARRERO, Gustavo. *Braga na Idade Moderna: Paisagem e Identidade*. Tomar: ARKEOS. 2010.
- PAULA, J. A. de. A mineração do ouro em Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, M. E. F. L. & Villalta, L. C. (orgs.) *As Minas Setecentistas, volume 1*. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.
- RENGER, F. E. A origem histórica das estradas reais nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, F. L. & Villalta, L. C. (orgs.) *As Minas Setecentistas, volume 1*. Belo Horizonte: Autêntica.
- RIBEIRO, Pe. Eduardo. "Um escravo encontra uma imagem do Cristo crucificado", in: *Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinhos*. Conceição do Mato Dentro: Capitular Editora, p. 26-9. 2007.
- SANTOS, O. "Um culto que começou em Portugal, à beira mar", in: *Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinhos*. Conceição do Mato Dentro: Capitular Editora, p. 30-5. 2014.
- SEVÁ FILHO, A. O. Problemas intrínsecos e graves da expansão mineral, metalúrgica, petrolífera e hidrelétrica nas *Amazônias*. In: ZHOURI, A.; LASCHESFSKI, K. *Desenvolvimento e conflitos ambientais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2010.
- SILVEIRA, E.J.S. *Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado*. Revista de Antropologia Experimental. Espanha, 4: 1-16. 2004. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=852475&15584&info=link>. Acesso em: 18.09.2015.
- STEIL, C. A. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes. 1996.
- VITARELLI, F. *O turismo religioso da Mesopotâmia a Minas Gerais*. Revista Sagarana – turismo e cultura em Minas Gerais: Belo Horizonte, 2(5), p. 20-25. 2001.

Processo Editorial / Editorial Process

Editor Chefe/Editor-in-chief: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido em 12 de Janeiro de 2016; aceito em 08 de Agosto de 2016; publicado online 10 de Fevereiro de 2017.

Received on January 12, 2016; accepted August 08, 2017, published online February 10, 2017.

Artigo original de pesquisa/ Original research article. Seção revisada por pares / Double bind review section.